

# A FORMAÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA EM ALEGRETE: A PARTICIPAÇÃO DE IMIGRANTES (REPÚBLICA VELHA)

## *THE FORMATION OF THE WORKING CLASS IN ALEGRETE: THE IMMIGRANTS' PARTICIPATION (OLD REPUBLIC)*

Anderson Romário Pereira Corrêa<sup>1</sup>

### RESUMO

Pretende-se explicar a formação da classe operária em Alegrete. As organizações e lutas operárias na Campanha sul-riograndense, no período da República Velha (1889-1930), ainda não foram suficientemente exploradas pelas pesquisas acadêmicas. Qual a importância dos imigrantes na formação do movimento operário alegretense? Identificou-se a construção de uma “comunidade internacionalista operária” (BILHÃO, 2000) na cidade com as seguintes características: vínculo programático e orgânico com organizações internacionalistas; circulação de órgãos da imprensa operária internacional, presença e participação nos congressos operários, o 1º de Maio e a presença na cidade de militantes internacionalistas. Utilizou-se do método quantitativo com fontes ora seriadas ora organizadas de forma que pudessem produzir informações numéricas (quantificáveis). As principais fontes utilizadas foram Registros de Impostos sobre Indústria e Profissões, Imprensa e Cartoriais. Recorreu-se frequentemente à técnica de análise de conteúdo. Foi possível perceber a presença significativa de imigrantes ou descendentes na base e na direção das entidades operárias da cidade no período. Os imigrantes e seus descendentes possuíam uma maior probabilidade de ocupar funções de direção do movimento operário do que os nacionais. Os descendentes de imigrantes realizavam a “tradução” da cultura internacionalista operária.

**Palavras-chave:** Movimento operário. Imigrantes. Alegrete.

### ABSTRACT

*It is intended to explain the formation of the working class in Alegrete. Workers' organizations and struggles in the southern region of the state of Rio Grande do Sul during the period of the Brazilian Old Republic (1889-1930) have still not been sufficiently explored by academic research. What is the relevance of immigrants in the formation of Alegretense workers' movement? It was identified the construction of an "internationalist working*

---

1 Mestre em História Ibero-Americana pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS/POA (2010), Especialista em Gestão Escolar (URCAMP-2002), Graduado em História (URCAMP-1999). Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Alegrete (IHGA), Membro Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS), Membro Correspondente do CIPEL (Circulo de Pesquisas Literárias), Vice-cordenador da VI Região Museológica do SEM (Sistema Estadual de Museus). Integrante do Colegiado Estadual dos Museus – RS, Diretor do Museu Oswaldo Aranha (Alegrete – RS). E-mail: arpcorrea@bol.com.br

community” (BILHÃO, 2000) in the city with the following characteristics: programmatic and organizational link with internationalist organizations; circulation of newspapers and press propaganda of the international workers’ press, presence and participation in workers’ conferences, the 1st of May (May Day) and the presence in the city of internationalist militants. It was used the quantitative method with either serial or organized sources so that they could produce numerical information (quantifiable). The main sources used were Tax Records on Industry and Jobs, Press and Civil Registry. It was often resorted to the analysis content technique. It was revealed the significant presence of immigrants or descendants at the base and in the direction of the working bodies of the city in the period. Immigrants and their descendants had more chances to take charge of directive functions of the workers’ movement than nationals. The descendants of immigrants performed the “translation” of the workers’ internationalist culture.

**Keywords:** Workers’ movement. Immigrants. Alegrete.

## Introdução

“O início, a arregimentação e a instalação da Sociedade Operária Mútua-Proteção constitui o prólogo da luta de classes iniciada em Alegrete, em 30 de maio em 1897 – por um grupo de jovens operários, todos inspirados socialistas.” EDUARDO MALLMANN. (SOCIAL, 1899, p. 01).

Este artigo pretende informar de forma resumida e atualizada a dissertação de mestrado “O Movimento operário em Alegrete: a presença de imigrantes e estrangeiros (1897-1929)”, defendida na PUCRS em 2010, sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup>. Núncia Santoro de Constantino (In memoriam). Ao analisar a historiografia que aborda o movimento operário no Rio Grande do Sul, observam-se vários indícios da presença de organizações operárias no interior do Estado no final do Século XIX e início do Século XX. É registrada a presença de organizações operárias de cidades do interior do Estado em diversos Congressos: Alegrete, Bagé, Uruguaiana. (PETERSEN, 2004, p. 212 e ss.) João Batista Marçal apresenta a relação de vários jornais operários e é significativa a quantidade de jornais do Interior no período em análise até 1930. (Da capital aparecem 74 jornais e do interior aparecem 85). (MARÇAL, 1995) Além de Pelotas e Rio Grande, que eram centros econômicos, aparecem organizações operárias em outras cidades do interior e da região da Campanha sul-rio-grandense. Para Silvia Petersen a existência do movimento operário se relaciona a emergência do ambiente urbano-industrial. Esta pesquisadora diz ser interessante estudar a “formação da classe operária” em cidades como Bagé, Uruguaiana, Cachoeira. (PETERSEN, 2004, p. 212 e ss.)

Pretende-se explicar a “formação da classe operária” em Alegrete

e analisar a influência de imigrantes e seus descendentes nesse processo. Busca-se conhecer a mobilidade e a mobilização dos trabalhadores no movimento operário internacional (em diferentes escalas), conhecer a presença de imigrantes na economia urbana local e, por último, analisar a presença de imigrantes e estrangeiros (seus descendentes) no movimento operário da cidade.<sup>2</sup>

Qual a importância dos imigrantes na formação do movimento operário alegretense? Para responder a esta “pergunta norteadora”, busca-se um conjunto conceitual para dar conta de explicar a ocorrência do movimento operário em Alegrete e que possibilite também explicar a participação ou não de imigrantes em sua formação. O movimento operário, no final do século XIX e início do século XX, é caracterizado por um conjunto de ações que podem ser individuais, mas são, principalmente, coletivas; que podem ser esporádicas e espontâneas, mas também podem ser coordenadas, planejadas e institucionalizadas, com o objetivo de alcançar conquistas no sentido de melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores (maiores salários, menos horas de trabalho, assistência econômica e educacional, moradia, etc.) ou a construção de uma cultura e identidade de classe. Estas atividades e objetivos podem ser instrumentalizados a partir de associações, ligas, sindicatos, partidos, jornais, escolas, conferências, meetings, greves, manifestações. (CORRÊA, 2010, p. 19)

Entende-se que o movimento operário, embora não seja o único, é um elemento de suma importância na produção da classe operária. O “movimento” é produtor e produzido pela classe. Nesta perspectiva, a classe operária faz-se em processo. Uma classe consciente de seus interesses não surge pronta, mas se faz ao seu próprio agir. Este trecho famoso de Thompson ilustra esta afirmação, ao dizer que:

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. (THOMPSON, 1987, p. 10).

A “consciência de classe” está sempre em construção e reconstrução, não está nunca pronta e acabada; a identidade “internacionalista operária” é parte constitutiva desta consciência de classe, faz parte de sua formação.

---

2 Relacionar a pesquisa sobre o movimento operário com a imigração foi um condicionante Linha de Pesquisa.

Significa dizer que os membros da classe operária se reconhecem como tal em todos os países e formam uma “írmãdade”, uma “comunidade internacional”. São trabalhadores que lutam e se solidarizam contra a exploração econômica e a opressão política. – independente dos limites e fronteiras do Estado Nacional. A identidade “internacionalista operária” é parte integrante na formação da classe operária, mas não é a única manifestação identitária no seio dos trabalhadores.<sup>3</sup> Signos do “internacionalismo operário” podem ser “manipulados” por diferentes correntes políticas. Bilhão define o “internacionalismo operário” a partir da circulação de pessoas, textos e ideias. No caso da circulação de pessoas, segundo a pesquisadora, “colaboraram para isso tanto a existência de políticas imigratórias, quanto a mobilidade geográfica de operários e trabalhadores à procura de empregos, assim como a existência de militantes perseguidos pela polícia.” (BILHÃO, 2005, p. 189) A autora utiliza Benedict Anderson, que afirma a importância da escrita e da imprensa na construção das “comunidades imaginadas”. A imprensa é um importante instrumento na construção da noção de contemporaneidade e simultaneidade. (Ibid., p. 181) A noção de contemporaneidade e de solidariedade dos que se organizam e lutam fortalece a construção identitária em diferentes partes do mundo. Para a autora, o “1º de Maio” é o mais importante símbolo da identidade internacional dos operários.” (Ibid., p. 219) Fundamentada em Eric Hobsbawm, Isabel Bilhão explica a existência de duas formas distintas de difusão do internacionalismo operário: uma entre grupos e indivíduos e outra, na relação entre organizações (programática), ou seja, os trabalhadores passavam a compartilhar lutas em comum. (Ibid., p. 200). Assim sendo, pretende-se identificar a construção de uma “comunidade internacionalista operária” (BILHÃO, 2005) na cidade de Alegrete, com as seguintes características: vínculo programático e orgânico com organizações internacionalistas; circulação de órgãos da imprensa operária internacional, presença e participação nos congressos operários, o 1º de Maio e a presença na cidade de militantes internacionalistas.

Sobre o método de pesquisa utilizou-se a “triangulação” que é a utilização de diversos métodos para o estudo de um determinado fenômeno. (GOLDEMBERG: 2003, p. 63) os quais são quantitativos e qualitativos, recorrendo-se mais à análise de conteúdo e à comparação empírica (acontecimentos). O método quantitativo pressupõe uma população de dados

---

3 Isabel Bilhão, amparada em Bourdieu, trabalha com a ideia de que a identidade se constitui a partir de três características: reconhecimento, distinção e memória. Nesse artigo enfatizamos o terceiro aspecto, ou seja, o da identidade/memória coletiva: o internacionalismo (circulação de símbolos, ideias, textos, pessoas, rituais). (BILHÃO, 2008, p. 20 e ss)

de estudo comparáveis, sequenciais e seriais. Estas informações podem ser generalizadas. O método qualitativo é apropriado para conhecer como cada indivíduo ou grupo experimenta determinadas situações sociais. O método qualitativo proporciona o estudo de aspectos difíceis de quantificar: motivações, crenças, sentimentos. (Idem). Procura-se partir do global para o local, de maneira que seja possível estabelecer tópicos de comparação entre as escalas. A comparação deve ser feita em sociedades próximas no tempo e no espaço e que possam exercer influência recíproca. (BARROS, 2007, p. 12) Procura-se compreender o local pelo global e vice-versa, na busca de generalidades e especificidades. No primeiro capítulo foi realizada uma revisão bibliográfica sobre a presença de imigrantes na formação do “mercado de trabalho” e no movimento operário em diferentes escalas. O segundo capítulo teve por objetivo conhecer o mercado de trabalho local e a presença de imigrantes. O terceiro capítulo, que opera na busca da resposta para o problema proposto “Qual a importância e o papel dos imigrantes na formação da classe operária em Alegrete” – primeiramente identificou-se as ações coletivas que caracterizam o “internacionalismo proletário”. Logo em seguida procurou-se reconstituir os nomes dos membros das diretorias das organizações operárias e se possível sobre a base. A partir dessa “amostra”, observaram-se os sobrenomes característicos, fez-se uma busca em registros cartoriais (Cartório de Registro Civil de nascimentos, casamentos e óbitos) para averiguar a naturalidade dos “personagens” e o grau de parentesco entre eles.

## **1 Mobilidade e mobilização dos trabalhadores**

Acredita-se que o movimento operário é condicionado pela mobilidade “horizontal” de trabalhadores (seu deslocamento migratório) e por sua mobilização internacional (articulação e ação política institucional e orgânica, assim como pela circulação de militantes de organizações ou independentes) fruto do imperialismo e das contradições da sociedade capitalista que se acirravam a partir do Século XIX. Aqui é importante destacar a definição de imigrante e de estrangeiro. Estrangeiro é uma condição jurídica e imigrante é uma condição social. O estrangeiro é sempre considerado um intruso, portador de ameaça. O imigrante se adapta, se estabiliza, constrói laços com a comunidade receptora, o imigrante permanece por mais tempo em determinado lugar, cria raízes, pretende criar filhos e netos no lugar que escolheu para morar. (SAYAD, 1998:243) (OLIVEIRA, 2008, p. 66). Sobre a questão dos movimentos migratórios que ocorreram no Século XIX, Eric Hobsbawm escreveu um excelente texto demonstrando o desenvolvimento tecnológico que possibilitou a interligação dos diferentes

e mais distantes pontos do planeta. Pela riqueza de informação e a capacidade de síntese do autor, reproduz-se o seu texto a seguir:

Por volta de 1872, os meios de comunicação tinham chegado ao triunfo previsto por Julio Verne: a possibilidade de fazer a volta ao mundo em 80 dias, evitando os inúmeros contratempos que perturbaram o indomável Phileas Fogg. Os leitores podem recordar a rota do imperturbável viajante. Ele foi de trem e barco a vapor, através da Europa, de Londres a Brindisi, e em seguida de barco, através do recém-aberto Canal de Suez (uma estimativa de sete dias). A viagem de barco de Suez a Bombaim iria tomar-lhe 30 dias. A viagem de trem de Bombaim a Calcutá deveria, se não fosse a falha em completar um trecho do caminho, tomar-lhe três dias. Dali em diante, pelo mar para Hong-Kong, Yokohama e através do Pacífico até São Francisco era um longo caminho de 41 dias. Então, com a estrada de ferro transamericana, que acabava de ser completada em 1869, somente os perigos ainda não completamente dominados, representados pelas hordas de bisões e índios, estavam entre o viajante e uma viagem normal de sete dias para Nova York. O resto da viagem – o Atlântico para atingir Liverpool e o trem para Londres – não teria causado problemas se não fosse a necessidade do suspense ficcional. Aliás, um agente de viagens americano ofereceu uma volta ao mundo similar não muito depois. (HOBBSAWM, 1977, p. 71)

Hobsbawm comenta que se estabelece uma intrincada rede da economia internacional, e que esta rede trazia áreas geograficamente mais remotas para ter relações diretas com o resto do mundo. Outro aspecto importante nesse processo é que, durante a segunda metade do século XIX, acontece a “maior migração dos povos na História”. Aconteciam movimentos e mobilidades de homens e mulheres dentro dos países, e de país para país: êxodo rural em direção a cidades, movimentos migratórios entre regiões e de cidade para cidade, o cruzamento do oceano, a penetração por áreas de fronteira (...). (Ibid., p. 207)

Para explicar a “Formação da classe operaria inglesa”, E. P. Thompson destaca, em sua obra, a imigração irlandesa com um subcapítulo. Segundo ele, em 1841, cerca de 400.000 habitantes da Grã-Bretanha haviam nascido na Irlanda. Em Liverpool e Manchester, um quinto da população

era irlandesa (20%). Não é possível explicar a emigração irlandesa somente por causa da crise econômica, mas se deve considerar, também, as emigrações motivadas por perseguições políticas e ideológicas. (THOMPSON, 1987, p. 324 e ss.). De acordo com Thompson, os imigrantes irlandeses eram os menos qualificados tecnicamente para o trabalho, porém eram os mais rebeldes, amotinados e sublevados, dispostos ao confronto com as autoridades inglesas. (Ibid., p. 333) Nas palavras de Thompson: “Os irlandeses eram predispostos a aderirem às associações operárias.” (Ibid., p. 341)

Eric Hobsbawm diz que assim como é um equívoco dizer que os trabalhadores não têm um país também é um equívoco dizer que eles possuem apenas um. Ele apresenta um exemplo, no caso, se três irmãos irlandeses fossem para países diferentes, não deixariam de ser irlandeses, mas fariam parte de três classes operárias diferentes. Segundo Hobsbawm a classe operária possui particularidades derivadas de suas experiências. (HOBSBAWM, 2000, p. 79). Em outro texto Eric Hobsbawm afirma que a história do trabalho no século XIX é de movimento e migração. (HOBSBAWM, 1981, p. 43). Sobre a importância da participação de imigrantes e estrangeiros na formação da classe operária, Eric Hobsbawm escreve:

Em geral, a classe operária contém um setor imigrante composto de uma variedade de estrangeiros de origens diferentes, divididos entre si, bem como separados dos nativos. Em casos extremos, a classe operária é predominantemente composta por imigrantes, como nos Estados Unidos, na Argentina e no Brasil, durante o principal período de migração em massa antes de 1914. (HOBSBAWM, 2000, p. 85)

No Século XIX, até 1880, houve um grande deslocamento de europeus em direção a América. Aproximadamente 11, 8 milhões deixaram o Velho Continente. O Brasil recebeu apenas 460 mil. Entre 1880 e 1915 aproximadamente 31 milhões de imigrantes vieram para a América e desses, 2,9 milhões vieram para o Brasil. (LEWKOWICZS, 2008, p. 56) Na Argentina, entre 1870 e 1914, aproximadamente 50% da população era de imigrantes. No Uruguai, no mesmo período, 40% da população era imigrante. (CORRÊA, 2010, p. 37 e ss.)

O período da República Velha é o momento que registra a entrada do maior número de imigrante no Brasil. Mais de 60% dos imigrantes vão para o Estado de São Paulo. Na cidade de São Paulo, em 1912, aproximadamente 90% dos operários eram imigrantes. No Rio de Janeiro em 1920, a presença imigrante era de 40% e em São Paulo, no mesmo ano, é de 50%.

Em relação à população total do Brasil, em 1920, o número de estrangeiros não ultrapassava os 5%. (LEWKOWICZS, 2008, p. 66)

#### QUADRO 01

Número de imigrantes que chegaram ao Brasil entre 1851 e 1930.

Período	Número de imigrantes europeus que entraram no Brasil
1851 - 1860	121.000
1861 - 1870	97.000
1871 - 1880	219.000
1881 - 1890	530.000
1891 - 1900	1.129.000
1901 - 1910	671.000
1911 - 1920	717.000
1921 - 1930	840.000
<b>Total</b>	<b>4.324.000</b>

Fonte: SEGATTO, 1987:12.

Em 28 de setembro de 1864, alguns trabalhadores da maioria dos países da Europa Ocidental uniram-se e formaram a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT). A Internacional era composta por várias organizações operárias, em 1833, já havia um princípio de organização entre os trabalhadores, pois neste ano é lançado o “Manifesto das Classes Produtivas da Grã-Bretanha”, endereçado aos “Governos e Povos da Europa e América do Norte e do Sul”. O relacionamento em vista de fundar uma organização por parte dos militantes operários dá-se muito lentamente, entre 1862 e 1864, apenas alguns núcleos de Paris e de Londres se dedicam a isso diretamente. Em 28 de setembro, é escolhido o “Conselho Central”. (GALLO, 2000, p. 8 e ss.) James Guillaume escreve sobre a fundação da AIT: “A Associação Internacional dos Trabalhadores havia sido fundada em Londres a 28 de setembro de 1864; mas sua organização definitiva e a adoção de seus estatutos dataram de seu primeiro congresso realizado em Genebra, de 3 a 8 de setembro de 1866.” (BAKUNIN, 1999, p. 16).

A AIT, além de reunir e congregar os trabalhadores de vários países, a partir de indivíduos e organizações operárias, também possuía o papel de levar a organização dos trabalhadores aos mais distantes países e lugares onde ainda não houvesse organização. A “Internacional” tornava-se um “centro” propagador de organizações operárias, era propulsora do movi-

mento operário internacional. A Internacional é responsável também por um dos maiores símbolos do internacionalismo proletário, o 1º de maio. Michelle Perrot destaca que, no primeiro congresso da Segunda Internacional, realizado em Paris, em julho de 1889, é “inventado” o 1º de maio. A data é escolhida porque, nos Estados Unidos, os trabalhadores já haviam escolhido o dia do trabalhador e este já havia produzido seus “mártires”. O dia dos trabalhadores “americanos” passa a ser, por meio da AIT, o “Dia Internacional dos Trabalhadores”. (PERROT, 1988, p. 129 e ss.)



Figura 1 - IV Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores, Basileia, 1869.

Fonte: NORTE, 1988, p.95.

Na segunda metade do século XIX, as primeiras organizações do movimento operário brasileiro contavam com a presença de imigrantes articulados ao projeto da AIT. O trecho a seguir, apresentado por Francisco Foot Hardman, demonstra bem este aspecto:

No Brasil, as primeiras tentativas de contato foram feitas da Europa, através de militantes portugueses, em particular pelo escritor Anthero de Quental e por J. Fontana, diretores do jornal lisboeta *O Pensamento Social*. A seção portuguesa havia sido criada por militantes espanhóis refugiados: Francisco Mora, entre outros, já havia contribuído para a seção argentina. Em julho de 1871, Mora, em relatório ao Conselho Geral da A.I.T., ao falar da nova seção portuguesa, lembrava que ‘seguramente a Internacional se estenderia a outro grande país de língua portuguesa, o Brasil. (HARDMAN, Francisco Foot, 1980, p. 69)

O mesmo autor ainda escreve:

Pode-se afirmar, também com base na documentação disponível, que contatos organizativos entre trabalhadores brasileiros e portugueses eram feitos constantemente, naquele período. No Rio de Janeiro, em particular, em função do peso da migração lusitana, tais tentativas eram bastante antigas. Por exemplo, na renhida luta pelo descanso semanal remunerado, levada a cabo pelos caixeiros do Rio, destacaram-se como líderes os portugueses Antonio Mathias Pinto Junior e Victoriano Jose de Carvalho, com experiência sindical em seu país de origem, que agitaram a categoria através das páginas de *O Caixeiro* (1873). (Ibid, p. 70)

Depois de demonstrar as possíveis ligações entre o nascente movimento operário brasileiro e a I Internacional (AIT), Francisco F. Hardman apresenta elementos que demonstram a ligação entre o movimento operário brasileiro e a II Internacional: “No Brasil, a análise de dois documentos praticamente inéditos, os relatórios elaborados por núcleos socialistas, 1893 e 1896, enviados ao congresso da II Internacional (...)” (Ibid., p. 75)

No Rio Grande do Sul, em 1872, aproximadamente 16,6% da população era de imigrantes. A partir de 1870 aparecem sociedades italianas em várias cidades da fronteira com o Uruguai e Argentina. Em 1900 aproximadamente 11,75% da população do Rio Grande do Sul era composta de imigrantes. Em 1910 os imigrantes representam 10,52% da população do Estado. Em 1920 o número de imigrantes baixa pra 6,91% no RS. (CORRÊA, 2010, p. 49 e ss.) Segundo Loner em São Paulo em 1920 aproximadamente 49,4% da força de trabalho era composta de imigrantes. Em Porto Alegre, no mesmo ano, a presença é de 17,9%. Na cidade de Pelotas, a população imigrante sai dos 18,1% em 1891, vai para 11% em 1911 e cai para 8% em 1920. Na cidade de Rio Grande a população imigrante em 1910 era de 11,9% e em 1920 correspondia a 12,8%. (LONER, 1999, p. 87)

Várias são as referências ao internacionalismo em Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas pelos membros do movimento operário destas localidades, assim como por sua entidade estadual, a Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS). É possível identificar uma articulação programática internacional em vários momentos no decorrer do período da República Velha. No caso da fundação, em 1892, em Porto Alegre, da *Allgemeiner Arbeiter Verein*, que era um instrumento de divulgação e que servia para programar a política dos militantes comprometidos com o programa do Partido Social-Democrata Alemão em Porto Alegre e São Paulo. Silvia Pe-

tersen destaca que:

[...] foi a organização que primeiro fez as comemorações do 1º de maio em Porto Alegre, em 1896. Em 1897, a comemoração foi feita com a Allgemeiner e a Liga Operária Internacional. Neste 1º de maio, foi lançado o programa do Partido Socialista do Rio Grande do Sul. Entre os signatários, encontram-se integrantes da Allgemeiner. (PETERSEN, 2001, p. 95)

Isabel Bilhão, ao escrever sobre “Identidade e trabalho” dos operários porto-alegrenses, afirma que as polêmicas da Primeira Internacional ainda ecoavam em Porto Alegre em 1898. Essas divergências entre anarquistas e socialistas acabam por influenciar a organização operária internacional e estão presentes no Primeiro Congresso Operário Rio-grandense. (BILHÃO, 2005, p. 178)

Em Porto Alegre, no início do Século XX, depois de consultar vários autores que apresentam listas com os nomes dos dirigentes de várias organizações operárias, chegou-se a conclusão que mais de 60% dos sobrenomes eram de origem estrangeira. (CORRÊA, 2010, p. 73). Para o caso de Pelotas, após analisar o trabalho de Loner que busca evidenciar a presença dos nacionais na formação da classe operária, percebe-se que a presença de imigrantes na direção do movimento operário não é tão significativa quanto em Porto Alegre. Aproximadamente a metade das categorias de trabalhadores de Pelotas não apresentam nomes característicos de imigrantes entre os componentes da direção das entidades. Naquelas que aparecem, variou de 30% a 60%. Em Rio Grande já é mais significativa presença de imigrantes na direção do movimento. (LONER, 1999, p. 87) É importante destacar que a questão da presença de imigrantes e estrangeiros no movimento operário, demonstra também um dos fatores que gerou muita discórdia e conflitos étnicos.<sup>4</sup>

## 2 A cidade de Alegrete

De acordo com Vera Barroso (1992, p. 36), de 1850 até 1900 e início do século XX, era na metade sul (região da pecuária) que se localizava a maioria das cidades rio-grandenses. Ao iniciar a República, em termos populacionais, Alegrete é a quarta maior cidade da região. No ano de 1920 as cidades de Bagé, Santana do Livramento e Uruguaiana são as maiores da região e Alegrete aparece em sexto lugar. As cidades de Bagé e Livramento mantêm-

---

4 Ver BILHÃO, 2008, p.102.

se estáveis no período. A cidade que mais cresce é Uruguaiana. São Gabriel e Alegrete baixam na colocação em nível regional. (CORRÊA, 2010, p. 90)



Figura 2 - Mapa do Rio Grande do Sul com o município de Alegrete em destaque.

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Alegrete>

Em 1890 habitavam a zona urbana da cidade de Alegrete 4.526 pessoas. Esse número correspondia a 27,70% da população. Em 1921 eram 11.257 pessoas na cidade e correspondiam a 36,42% da população. Sobre a naturalidade dos habitantes, em 1890, os 998 imigrantes correspondiam a 6,10% da população. Em 1921, os 2.420 imigrantes correspondiam a 7,8% da população. Em 1920, o Estado possuía uma população de 2.182.713 habitantes; destes, 151.025 era de imigrantes, o que corresponde a 6,91% da população. A média de imigrantes na população de Alegrete era superior à média do Estado. (CENSO – FEE, 1981, p. 125)

Em relação a participação de imigrantes na economia urbana de Alegrete (comércio, indústria, profissões e funcionalismo), em se tratando de proporcionalidade, a presença de imigrantes varia entre os 16% e 40%. Há um período de ascensão dos registros no início do século XX, até, aproximadamente, 1909, ano em que ocorre a maior presença relativa (40%), estabilizando-se numa média de 35% no período que vai de 1909 a 1919, e decaindo nos anos subsequentes, com o registro de 16%, em 1926. É possível verificar que a primeira década do século XX é a que apresenta maior participação de nomes estrangeiros na economia urbana alegretense. O ano de

1909 é o ano em que aparece o maior número de registros, incidindo, inclusive, sobre a proporcionalidade (40%). A presença de possíveis imigrantes ou descendentes no quadro dos funcionários públicos municipais não era significativa em termos de números totais; porém, em termos percentuais representa um índice superior à presença imigrante em relação à população total do município no período. (CORRÊA, 2010, p. 112)



Figura 3 - Vista aérea da Praça 15 de Novembro em 1933. (atual Praça Getúlio Vargas) Com a Igreja Católica Matriz ao centro da foto.  
Fonte: Alegrete em fotos. Alegrete Stop Vídeos e Imagens. 2007

Em 1920, a distribuição da população do Rio Grande do Sul, de acordo com os setores econômicos, era a seguinte: 3,88% na indústria, 4,46% no setor de serviços e 72,70% em diversos. Em Porto Alegre, a população estava dividida assim: 11,64% na indústria, 14,91% em serviços e 68% em diversos. A cidade de Rio Grande possuía a seguinte realidade: 12,21% na indústria, 13,92% em serviços e 64% em diversos. A ocupação da população de Alegrete estava assim distribuída: 6,09% na indústria, 5,67% em serviços e 71,68% em diversos. Os números<sup>5</sup> mostram que o município possuía índices superiores à média do Estado em relação à proporção da população ocupada na indústria e no setor de serviços. (CORRÊA, 2010, p. 98)

Para analisar mais cuidadosamente a questão da participação dos imigrantes na economia urbana, fez-se a análise do ano de 1909. Nesse ano, aparecem 102 registros de possíveis descendentes ou imigrantes italianos e alemães. Comparando os registros de impostos sobre indústria e

---

<sup>5</sup> Os números apresentados, por diversas fontes, sobre a economia naquele período são bem variados e contraditórios. Outro perigo na análise dos dados é a questão “conceitual” pois o termo indústria era empregado, muitas vezes, até mesmo para se referir a atividade pecuária. (PESAVENTO, 1991)

profissões de 1909 com uma lista de “naturalização” de 1890 encontrou-se mais 20 nomes, sendo estes de diversas nacionalidades: espanhóis, portugueses, árabes, franceses, uruguaios e argentinos. O número de imigrantes presentes na cidade pode ser bem maior do que demonstram ou que seja possível identificar nos registros. Em 1909 a maioria dos imigrantes com empresas e profissões cadastradas na intendência eram italianos, alemães e espanhóis. Os italianos eram maioria com sapataria, ferrarias, hotéis, desempenhavam ofícios como de pedreiros, mestre-de-obras e funileiros. Os italianos eram exclusivos com alfaiataria, fabrica de massas, com armadaria fúnebre e como fotógrafos. Os alemães eram maioria com depósito de madeiras, ourivesaria e exclusivos com relojoaria. Os espanhóis exclusivos com tipografia, livraria, empresa de telefonia. (CORRÊA, 2010, p. 114)

#### QUADRO 02

Número de trabalhadores nos setores da economia (Alegrete, 1920)

Setor	Homens	Mulheres	Total
Indústria	1.087	964	2.031
Transporte	396	03	399
Comércio	714	16	730
Força Pública	274	-	274
Administração	175	30	205
Profissionais Liberais	189	94	283
Diversos	8.787	15.107	23.894
Exploração do Solo	4.843	511	5.359
Exploração Mineral	155	-	155
<b>Total</b>	<b>16.605</b>	<b>16.725</b>	<b>33.330</b>

Fonte: Censos do RS: 1803 - 1950. De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul. FEE, 1981:133.

### 3 O movimento operário em Alegrete

O movimento operário alegretense é caracterizado por associações, jornais, conferências, meetings, comemorações, protestos no 1º de maio. Atividade que era também importante no movimento operário era a greve. Em Alegrete, no período em análise, foi encontrado um único registro de greve, em 1914, por parte dos ferroviários e o motivo era a falta de pagamento. (PETERSEN, 1979, p. 293). Para demonstrar as ideias internacionalistas circulando e sendo produzidas a partir de militantes que se identificavam

como operários, destaca-se um texto produzido sobre a data “07 de setembro”, data que se comemora a Independência do Brasil. A seguir, transcrevem-se trechos do texto “07 de setembro” publicado em 1899, em Alegrete, pela imprensa operária:

Se concordamos que os povos em sua vida econômica sejam independentes na ação que desenvolvem, segundo a climatologia do ponto em que habitam, não queremos com isto dizer que sejamos apologistas desse egoísta e especulativo sentimento de Pátria, calculadamente inculcado no espírito dos povos, pelos interessados em manter o domínio, com o enfraquecimento que produzem as lutas provocadas entre uns e outros e que vêm retardar a evolução natural da consciência do povo. (SOCIAL, 1899, p. 01)

Mais adiante, referindo-se aos conceitos de pátria e nação, continua o autor: “A verdadeira fraternidade e igualdade, encarada sob o ponto de vista humano, exclui a concepção dessa entidade abstrata e não conhecem esses limites entre povos, limites esses determinados pela exploração.” (Idem)

Cláudio Batalha escreve sobre as “Correntes ideológicas e estratégias sindicais”, dizendo que, de 1889 a 1930, prolifera no Brasil uma série de Partidos Socialistas, muitos com duração efêmera e de abrangência municipal. Professavam um socialismo eclético, marcado por um forte viés cientificista e positivista, característico da II Internacional, com uma proximidade simbólica à matriz de Karl Marx. A maioria destes partidos defendia um programa de reformas. Fora os Congressos Socialistas de 1892 e 1902, jamais alcançaram uma unidade duradoura e uma organização nacional única. (BATALHA, 2000, p. 22) Batalha destaca que, a partir de 1890, já ocorriam manifestações da atividade política dos anarquistas no Brasil. Segundo ele, “o ideário comum dos anarquistas passava, entre outros aspectos, pelo antiestatismo, pelo federalismo, pela recusa da luta político-parlamentar, pelo anticlericalismo e pela rejeição de qualquer forma de opressão sobre o indivíduo. Outras correntes ideológicas de menor expressão foram o positivismo e o cooperativismo.” (Ibid., p. 24)

O professor Olavo Cabral, membro do Partido Socialista e da Mutua Proteção Operária de Alegrete, diz que os socialistas alegretenses organizaram a Mutua Proteção Operária e o jornal Social. As primeiras reuniões de operários, para lutarem por melhores condições de trabalho e de vida, foram organizadas pelos socialistas no final do Século XIX. (CORRÊA, 2010,

p. 130). Líderes socialistas do Rio Grande do Sul publicavam no jornal Social em Alegrete, entre eles, Francisco Xavier da Costa e Antônio Guedes Coutinho. O jornal Social publicou o manifesto do Centro Socialista da Capital Federal e seu programa político. Eduardo Mallmann, nas páginas do jornal Social, defende a importância dos operários se organizarem em Partido e de possuírem uma “teoria”.<sup>6</sup> Segundo Mallmann, se não fossem os socialistas não existiria a Mutual Proteção Operária devido aos ataques dos patrões e do Governo Municipal. (CORRÊA, 2010, p. 130 e ss.). Os militantes alegretenses estão presentes nos congressos operários do Rio Grande do Sul. Eduardo Mallmann foi presidente do Primeiro Congresso Operário ocorrido em Porto Alegre em 1898. É frequente a presença de representantes de Alegrete em congressos operários de hegemonia anarquista, como os Congressos de 1925, a reunião preparatória de 1927 e o congresso de 1928 em Pelotas. Também foi possível encontrar registros da presença de Reduzindo Colmenero e Cecílio dos Santos, militantes anarquistas de cidades da fronteira (Bagé), fazendo comícios em Alegrete no final da década de 1920. (CORRÊA, 2010, p. 136)

No final do século XIX, Eduardo Mallmann escreve no “Social”, em Alegrete, sobre o início do movimento operário nesta cidade: “O início, a arregimentação e a instalação da Sociedade Operária Mútua-Proteção constitui o prólogo da luta de classes iniciada em Alegrete, em 30 de maio em 1897 – por um grupo de jovens operários, todos inspirados socialistas.” (SOCIAL, 1899, p. 01). Por meio dos vestígios e indícios encontrados em várias fontes, é possível identificar a presença de organizações operárias em Alegrete no período da República Velha. Os documentos apontam para a existência de organizações no período que vai de 1897 a 1929. Em junho de 1897, aparece a “Sociedade Operária Mútua Proteção.” (Estatuto da Mutua Proteção, 1897). Em 1905, aparece como Mútua Proteção. (Goldemberg, 1993, p. 13). Em 1913 registra-se a existência de uma União Operária em Alegrete. (PETERSEN, 2001, p. 308). Em 1915, registra-se o Centro Operário. (GOLDEMBERG, Op. Cit. p. 13). Em 25 de abril de 1925, é fundada a União Operária. Em 1929, é registrado novamente o nome do Centro Operário. (Idem)

Os trabalhadores no comércio são a primeira categoria a se organizar em Alegrete, por meio do Clube Caixeiral e de uma Associação dos Trabalhadores no Comércio. Tudo indica que tenham sido os primeiros a obter conquistas, como em 1906, uma Lei Municipal de Fechamento de Portas aos

---

6 É importante frisar que Eduardo Mallmann foi vereador no período Imperial, estava na fundação do Partido Republicano em Alegrete, vai para o racha do PRR (PRF), faz parte dos grupos identificados como Demetristas e Cassalista para depois aderir ao Socialismo e ao Partido Socialista. Ver: CORRÊA, 2014, p.24.

Domingos e nos feriados depois do almoço. (CORRÊA, 2010, p. 153)



Figura 4 - Jornal Social “Defensor da Classe Trabalhadora.”  
Alegrete 10/09/1899.  
Fonte: APERGS

Existem indícios que apontam a circulação da imprensa operária internacional em Alegrete. No mês de abril de 1899, circulava em Alegrete o jornal “La Vanguardia”, órgão do Partido Socialista Operário de Buenos Aires. No mesmo mês, também aparece o “ECHO Operário”, órgão do Partido Socialista de Rio Grande. (SOCIAL, 1899, p. 04) Em setembro, circula pela cidade o jornal “A Voz do Proletário” e “O Taquariense”. (SOCIAL, 1899, p. 02) Em 1905, circula em Alegrete o jornal “A Democracia”, cujo redator era o socialista Francisco Xavier da Costa. Em Alegrete, o representante deste jornal era o 1º secretário da associação operária local, Sr. Francisco Zaccaro. (A DEMOCRACIA, 1905, p. 02). Até o momento encontramos dois títulos de jornais operários produzidos em Alegrete no período da República Velha, que são o Social (1897/1899) e o Combate (1927).

Foram encontrados registros de manifestações operárias no 1º de Maio em Alegrete nos anos de 1898, 1899, 1903, 1905, 1925 e 1927. Das características das comemorações do 1º de maio na cidade, com o que se fazia no Brasil (São Paulo) e Rio Grande do Sul (Porto Alegre), podemos notar tendências gerais em suas programações: músicas (bandas), foguetes, passeatas pelas ruas, piqueniques, conferências e discursos. Nota-se a especificidade do almoço festivo em Alegrete, com “churrasco”, vinho e cerveja, assim como a presença do futebol. Do “ritual”, o elemento mais significativo,

como afirma Hobsbawm, é a passeata. (CORRÊA, 2010, p. 179.)

A identificação dos patronímicos fez parte do método utilizado para localizar “possíveis” imigrantes nas organizações e atividades do movimento operário de Alegrete no período em análise. Em relação aos sobrenomes característicos dos membros da “direção” do movimento operário alegretense, são identificados 15 sobrenomes de origem alemã (21,4%) e 09 sobrenomes de origem italiana (12,8%). No total, 34,2% dos nomes que compõem as diretorias do movimento operário possuem patronímicos característicos de imigrantes.<sup>7</sup> Se, na economia urbana, a presença de patronímicos imigrantes (alemães e italianos) apresenta números variáveis entre 16 e 40%, existindo uma média de 35% no período, pode-se dizer que a presença de patronímicos de imigrantes na direção do movimento corresponde à participação destes na economia e mercado de trabalho local. Se forem comparados os números da presença de patronímicos de origem imigrante da direção com a “base” do movimento, chega-se à conclusão de que os imigrantes e seus descendentes estavam mais presentes na “direção” (34%) do que na “base” do movimento (16%). Os números apresentados, no caso de Alegrete, em relação à presença de patronímicos imigrantes no movimento operário, são inferiores aos de cidades como São Paulo e Porto Alegre. Porém os números locais são parecidos e aproximados aos casos de Pelotas e de Rio Grande. A seguir as fotos de seis líderes operários alegretenses:

---

7 Identificaram-se, a partir de pesquisas cartoriais (nascimentos, casamentos e óbitos), que alguns membros da diretoria das organizações operárias eram irmãos, primos, cunhados e “compadres” uns dos outros. Isso demonstra a íntima relação entre os membros da Direção do Movimento Operário. Identificou-se também que numa primeira fase (até 1915), existe a recorrência de sobrenomes de origem saxônica (prussianos, alemães) e após 1915 predominam sobrenomes de origem latina (italiano). Na primeira fase existem vários membros de uma mesma família: Mallmann, Krug e Bisch. (CORRÊA, 2010, p. 211).



Figura 5 - Líderes do movimento operário alegretense.

01: Pedro Souza Bisch<sup>8</sup>; 02: Pedro Ramires; 03: Brasiliano Lara;  
04: Adolfo Ferreira Leite; 05: Paschoal Mitidieri e 06: Salvador Bianchi

Fonte: (CORREA, 2010. p. 174s)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o período em análise, é possível identificar indícios de elementos que configuravam a construção de uma comunidade internacionalista operária em Alegrete: o vínculo programático e orgânico com organizações internacionalistas (o Partido Social-Democrata da Alemanha, Itália e Portugal – e a Associação Internacional Trabalhadores); a circulação de órgãos da imprensa operária internacional em Alegrete, a presença e participação nos congressos, as conferências e o 1º de maio (Dia Internacional dos Trabalhadores). Entre 1897 e 1929, a presença de patronímicos imigrantes e estrangeiros nas diretorias do movimento operário alegreten-

---

8 Pedro de Souza Bisch foi dirigente da Mutua Proteção Operária em 1898, do Centro Operário em 1915. Fez parte do Partido Socialista. Era companheiro de Eduardo Mallmann. Mais tarde, na década de 1920, Pedro Bisch foi vereador. Sapateiro filho de um alemão com uma índia. Pedro Ramires foi presidente da União Operária em 1925. Era tipógrafo, contador e funcionário público. Brasiliano Lara era tipógrafo (casado com uma filha de suíços) e fez parte da diretoria da União Operária ocupando várias funções. Mais tarde, depois de 1930, vai ser presidente da União Operária e membro do Partido Comunista Brasileiro. Adolfo

se girava em torno dos 35%.

A organização do movimento operário internacional se expressa, também, a partir de pequenos grupos e militantes “internacionalistas”, identificados por vezes com correntes político-ideológicas (socialistas e anarquistas). Agiam em redes de relacionamentos e promoviam congressos, conferências, imprensa operária e uma série de “rituais” como o 1º de maio. Essas experiências disseminavam um discurso articulado e modelos organizacionais. Em relação a Alegrete é significativa a presença de artesãos no movimento operário, principalmente, na “diretoria” das associações.<sup>9</sup> As evidências do movimento operário alegretense surgem em momentos onde há uma instabilidade na grande política local e Estadual. Na formação do movimento operário de Alegrete, encontra-se um número significativo de descendentes de imigrantes. A maioria dos elementos com patronímicos estrangeiros era, na verdade, natural da localidade. O movimento operário de Alegrete forma-se da combinação étnica e cultural de “nativos” e descendentes de imigrantes. Se for ampliado o critério de análise, considerando “mistura étnica” além dos elementos como patronímicos e estrangeiro, somando a estes os casamentos e parentescos com imigrantes, pode-se dizer que as diretorias das associações operárias de Alegrete possuíam quase a metade de membros relacionados a processos migratórios. No final do século XIX, no início do movimento operário alegretense, aparece um grupo que já possuía uma trajetória política em outros partidos. É nítida a presença recorrente de membros de uma mesma família, no caso, três famílias. A direção do movimento operário era composta significativamente por artesãos, aparecem alguns nomes que faziam parte da “elite” da cidade em determinado momento. Pelos números auferidos, é possível afirmar que havia cinco vezes mais chances de uma pessoa com patronímico imigrante ser membro da direção do movimento operário alegretense

---

Ferreira Leite, natural de Uruguaiana, casou em Alegrete em 1920 com uma moça de Pelotas e seus sogros de Pelotas e de Bagé, era comerciante, foi presidente da União Operária nos anos de 1927 e 1928. É ele o presidente que possivelmente representa a entidade nos encontros anarquistas em Pelotas. É na gestão dele que aparecem na cidade os anarquistas de Bagé, que será editado o jornal Combate, que virá a cidade jornal anarquista de Uruguaiana e que se fará campanha contra o assassinato de Sacco e Vanzetti. Paschoal Mitidieri, italiano, alfaiate, foi vice-presidente no período de 1927 a 1928. Foi varias vezes membro da Diretoria e mais tarde vai estar articulado ao projeto católico dos Círculos Operários, onde inclusive, presidiu um Encontro Estadual. Salvador Bianchi, filho de italianos, funileiro, vice-presidente da União Operária, eleito em 1928. Foi várias vezes da Diretoria e ocupou vários cargos. (CORRÊA, 2010. Anexos)

9 Em alguns momentos percebeu-se que alguns membros de diretorias das entidades operárias faziam parte da “elite” urbana da Cidade. Estavam entre as famílias que mais pagavam imposto sobre imóveis. (CORRÊA, 2010, p. 154)

do que uma pessoa com patronímico não estrangeiro. Se for considerado o critério ampliado, somando membros das diretorias que possuem patronímicos estrangeiros com aqueles que são aparentados com imigrantes, as probabilidades para os que possuem patronímicos estrangeiros ou são aparentados com imigrantes aumentam, chegando a ter sete vezes mais chances de fazerem parte das diretorias das associações. Como presidentes das associações, os membros com patronímicos imigrantes correspondem à maioria daqueles que “dirigiram” as entidades do movimento operário. Os operários com patronímicos imigrantes possuíam quase dez vezes mais chances de serem presidentes das associações operárias do que os que possuíam sobrenome nacional. Seja pela presença numérica, seja pelas posições ocupadas e pela atividade política exercida, é possível dizer que os operários filhos de casamentos mistos (mistura étnica) têm papel importante na formação do movimento operário alegretense, identificando-se com a cultura e identidade internacionalista operária. Os descendentes de imigrantes elaboram a tradução da cultura internacionalista operária e criam o movimento operário alegretense.

## REFERÊNCIAS

- A DEMOCRACIA. Porto Alegre, 17 de setembro de 1905, Ano I, nº 21.
- ALEGRETE. *Estatuto da Associação Operária Mutua Proteção*. Alegrete, junho de 1897.
- BARROS, José D’Assunção. História comparada – um novo modo de ver e fazer a história. *Revista de História Comparada*. Vol. I, nº 1, jun/2007.
- BARROSO, Vera Lúcia Maciel. *Povoamento e urbanização do Rio Grande do Sul: A fronteira como trajetória*. In: Urbanismo no Rio Grande do Sul. Org. Gunter Weimer. Porto Alegre: Ed. Universidade. UFRGS/Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1992.
- BAKUNIN, Michael Alexandrovich. *Textos Anarquistas*. Seleção e notas Daniel Guerin. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- BILHÃO, Isabel Aparecida. *Identidade e Trabalho: análise da construção identitária dos operários porto-alegrenses (1896 – 1920)*. Tese de doutorado defendida perante o Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

- BILHÃO, Isabel. *Identidade e Trabalho: uma história do operariado Porto-Alegrense (1898-1920)*. Londrina: EDUEL, 2008.
- CORRÊA, Anderson Romário Pereira. *Movimento Operário em Alegrete: a presença de imigrantes e estrangeiros (1897-1929)*. Dissertação de Mestrado defendida perante a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- CORRÊA, Anderson Romário Pereira. Demetrismo e Cassalismo na formação da classe operária alegretense. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, ano 94, n. 148, 2014.
- GALLO, Sílvio. *Anarquismo: uma introdução filosófica e política*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.
- GOLDEMBERG, Maurício. *Alegrete de Ontem: Edição Comemorativa da Gazeta de Alegrete 111 Anos, 2ª ed.* Alegrete, 1993.
- GOLDEMBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Record., 2003.
- HARDMAN, Francisco Foot. *A estratégia do desterro (situação operária e contradições da política cultural anarquista/Brasil, 1889 – 1922)*. Tese de Mestrado em Ciência Política, Departamento de Ciências Sociais, IFCH – UNICAMP, São Paulo, Março de 1980.
- HOBSBAWM, Eric J. *A Era do Capital: 1848 – 1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- HOBSBAWM, Eric. *Mundos do Trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- HOBSBAWM, Eric. *Os Trabalhadores: Estudos sobre a história do operariado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- LEWKOWICZS, Ida. *Trabalho compulsório e trabalho livre na história do Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- LONER, Beatriz Ana. *Classe Operária: Mobilização e organização em Pelotas: 1888 – 1937*. Vol.1. Tese defendida perante o Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- MARÇAL, João Batista. *Os anarquistas no Rio Grande do Sul: anotações biográficas, textos e fotos de velhos militantes da classe operária gaúcha*. Porto Alegre: EU/Porto Alegre, 1995.
- NORTE, Sérgio Augusto Queiroz. *Bakunin: sangue, suor e barricadas*. Campinas: Papirus, 1988.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Cruzando fronteiras: os estudos de imigração*. In: *A História e seus territórios: Conferências do XXIV Simpósio Nacional de*

- História da ANPUH. Organizadores Flávio M. Heinz; Marluza Marques Harres. São Leopoldo: Oikos, 2008.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PESAVENTO, Sandra. *Os industriais da república*. Porto Alegre: IEL, 1991.
- PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. *As Greves no Rio Grande do Sul (1890-1919)*. In: DACANAL, José Hildebrando e GONZAGA, Sérgio (org.). RS: Economia e Política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.
- PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. *“Que a união Operária seja a nossa pátria!”: história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações*. Santa Maria; Porto Alegre: Editora UFSM; Ed. Universidade/UFRGS, 2001.
- PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz e Benito Bisso Schmidt. *O movimento operário no Rio Grande do Sul: militantes, instituições e lutas*. In: Capítulos de história do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004.
- RIO GRANDE DO SUL. *Censos do Rio Grande do Sul (1830 – 1950): De província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: FEE, 1981.
- SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- SEGATTO, José Antônio. *A formação da classe operária no Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- SOCIAL. Alegrete, 02 de abril de 1899; Ano II, nº 09.
- SOCIAL. Alegrete, 03 de setembro de 1899, Ano III, nº 17.
- SOCIAL. Alegrete, 7 de setembro. 10 de setembro de 1899.
- THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. v. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Recebido em 14/12/2015

Aprovado em 14/12/2015